



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES – (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES – (BHU)

MANUEL PEDRO CUMBOTO

SISTEMA EDUCATIVO DOS POVOS BANTU DE ANGOLA: O CASO DO DILONGO
NO MUNICÍPIO DE SAMBA – CAJU, PROVÍNCIA DO CUANZA–NORTE.

Redenção /CE

2024

MANUEL PEDRO CUMBOTO

SISTEMA EDUCATIVO DOS POVOS BANTU DE ANGOLA: O CASO DO
DILONGO NO MUNICÍPIO DE SAMBA – CAJU, PROVÍNCIA DO CUANZA–NORTE

Projeto de pesquisa (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Luís Tomás Domingos.

Redenção / CE

2024

SISTEMA EDUCATIVO DOS POVOS BANTU DE ANGOLA: O CASO DO
DILONGO NO MUNICÍPIO DE SAMBA – CAJU, PROVÍNCIA DO CUANZA–NORTE

Projeto de Pesquisa (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Luís Tomás Domingos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador e Presidente: Pr. Dr. Luís Tomás Domingos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinador/a: Profa. Dr. Ana Carolina de Oliveira Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinador: Pr. Dr. Carlos Subuhana

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
2. JUSTIFICATIVA	6
3. OBJETIVOS	8
3.1 OBJETIVO GERAL	8
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4. PROBLEMATIZAÇÃO	8
5. HIPÓTESE	13
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
8. REFERÊNCIAS	23

1- Apresentação

A educação é fundamental para todas as sociedades humanas, pois é por esta via que os indivíduos aprendem sobre si e sobre os outros. É pelo processo do sistema educativo que se constrói a identidade cultural de um grupo étnico ou de uma Nação “a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe, ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas” (HAMPATE BÂ, 2010, p. 183).

Neste trabalho, vamos abordar sobre o Sistema Educativo dos povos Bantu de Angola: o caso do Dilongo¹ no Município de Samba – Caju, província do Cuanza – Norte. O trabalho Pretende compreender o “dilongo” como espaço de realização do rito de iniciação – circuncisão masculina, e transmissão de conhecimentos a partir do sistema educativo dos povos Ambundu, isto é, conhecimentos relacionados à identidade cultural da etnia.

De acordo com Durkheim (2011), para definir a educação, é preciso, portanto, levar em consideração os sistemas educativos que existem ou que já existiram, compará-los e identificar os aspectos em comum. Para que haja educação é preciso que uma geração de adultos e uma de jovens se encontrem face a face e que uma ação seja exercida pelo primeiro sobre os segundos.

O trabalho é construído na perspectiva do resgate dos valores cívicos e morais dos indivíduos do município de Samba - Caju. Assim, o mesmo visa entender o Dilongo e refletir a prática dos ritos de iniciação que nela ocorrem e compreender o impacto da colonização e da interferência das ideologias da religião/ cristã e do Estado/ Democrático nos hábitos e costumes dos povos Ambundu.

Neste sentido, define - se os rituais como cerimônias constituídas de gestos simbólicos repetitivos, carregados de intencionalidade. Podem ser religiosos e não-religiosos, e estão presentes em todas as culturas. O rito é a práxis do mito. Por meio da linguagem ritualística os seres humanos rememoram e atualizam mistérios, acontecimentos importantes de um passado distante, geralmente explicado por meio da linguagem mítica (Guilouski, Costa, 2012).

A construção do trabalho se dá na perspectiva de entender o “Dilongo” como um espaço de repúdio e orientação dos indivíduos do gênero masculino, entretanto, indivíduos

¹ O dilongo, é uma palavra que indica o espaço/ lugar onde os meninos da etnia ambundu são circuncidados. A mesma é mais utilizada nas províncias do Cuanza – Norte e Malanje.

com o caráter de boa reputação diante da sociedade. Na perspectiva de preservar os hábitos e costumes da etnia relacionados aos indivíduos do gênero masculino, o Dilongo é o lugar para a transmissão de conhecimentos que a ancestralidade desta etnia optou para a orientação da linhagem familiar de cada circuncisada e orientação do trabalho da vida dos indivíduos enquanto seres que vivem em sociedade. A relevância da educação adquirida no Dilongo suscitou – nos à problematização do trabalho que, por via da pesquisa qualitativa vai se fazer coletas de dados a partir das técnicas da pesquisa bibliográfica e entrevistas não estruturada e estudo de caso para a compreensão e execução do projeto.

Para a sua contextualização geográfica, Samba – Caju é um município da Província do Cuanza – Norte, situado a norte de Angola. Entretanto, o território que hoje forma a República de Angola, não foi sempre o mesmo, ele é fruto da ocupação progressiva dos portugueses que começou em 1482, quando o navegador Diogo Cão avistou a foz do Rio Zaire e entrando algumas léguas para o interior, estabeleceu relações de amizade com o rei do Congo, Nzinga a Nkuvo. O atual território de Angola resulta das fronteiras estabelecidas, por acordos com outras potências europeias, por Portugal depois da conferência de Berlim de 1885 (JAIME, 2015).

Situado na zona de transição equatorial para a savana, Angola localiza-se na parte Ocidental da África Austral, é limitada a Norte pelas duas Repúblicas do Congo, Brazaville e Kinshassa, a Este pela República da Zâmbia, a Sul pela República da Namíbia e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Ocupa um território vasto com uma superfície de 1.246.700 km² (JAIME, 2015). Etimologicamente, o nome Angola tem a sua génese no título dos reis ambundu, Ngola o termo é do glotónimo kimbundu, traduzido para língua portuguesa que significa “força”. Apesar de ser quase toda de origem bantu, é composta por uma significativa diversidade étnica: etnias de maior relevância demográfica são os Ovimbundu, os Ambundu e os Bakongo (NDOMBELE, 2017).

O grupo étnico dos Ambundu é proveniente do antigo reino do Ndongo, que tinha os seus limites estabelecidos por acidentes geográficos. Os rios Kuanza e Lukala eram seus fronteiros naturais, habitados por povos ambundu falantes de kimbundu. Os habitantes do antigo reino do Ndongo, atualmente compõem um espaço geográfico da República de Angola que compreende as províncias de Luanda, Bengo, Cuanza – Norte, Malanje e a parte Oeste da província do Cuanza - Sul (SANTIN; TEIXEIRA, 2020).

Na etnia Ambundu é considerado homem adulto aquele que passou pelo processo do rito de iniciação feito no Dilongo, obedecendo todos os procedimentos emanados. Para a população da etnia o Dilongo é o lugar onde se transmite os conhecimentos pela oralidade aos

meninos que compreendem a idade da adolescência, “ os ritos de iniciação têm uma primeira função que é de formar identidades, de nos dizer o que está certo e errado no nosso comportamento” (OSÓRIO, 2015, p. 1).

Os ritos são apresentados como verdades que não podemos questionar sob pena de estarmos a violar a nossa cultura. Para os Ambundu, o Dilongo, ou “Ynzo Ya ijila”, como é chamado na língua Kimbundu, indica casa de leis, entretanto, não é apenas uma casa de realização de rito de iniciação masculina, o lugar é considerado como uma escola ou mesmo um lugar sagrado, pois é neste lugar que o Kandanda (singular), o circuncisado, aprende sobre a identidade da sua família e do seu grupo étnico “Eles relacionam-se com o lugar sagrado habitado pelos Ancestrais ou espíritos da Natureza. É assim que, tal como pensamos, o Ancestral é unificado e identifica – simultaneamente – um conjunto de várias famílias e linhagens” (BATSIKAMA, 2016, p. 103).

2 – Justificativa

Ao procurar entender as interferências que se sobrepõem no sistema educativo dos povos Bantu, no caso da etnia Ambundu isto é, no que concerne à educação adquirida a partir do Dilongo e dos motivos da perda dos princípios morais e cívicos dos indivíduos do município de Samba – Caju incitou – nos na escolha do tema do projeto no intuito da desmitificação das ideias que não correspondem à realidade dos saberes do Dilongo e dos ritos que nele ocorrem. Deste modo, justificamos a escolha do tema sobre tendência de procurar perceber o impacto da colonização e das ideologias do Estado/ Democrático e religiosa/ cristã nos hábitos e costumes da etnia Ambudu.

No âmbito pessoal, o tema é de interesse estudantil, ou seja, estou preocupado em manter viva as memórias ligadas ao ritual de iniciação da sociedade de Samba – Caju. E, como acadêmico e pertencente a esta etnia, procura compreender de um modo mais abrangente o sistema educativo dos Bantu de Angola, situados na província do Cuanza – Norte. Seus hábitos e costumes, principalmente o rito de iniciação ligado a circuncisão masculina, realizado no Dilongo para a obtenção de conhecimentos sobre a minha própria identidade cultural. Portanto, conhecimentos que serão adquiridos a partir da materialização deste trabalho que vai se fundamentar sobre as técnicas da pesquisa qualitativa.

No âmbito social contribuirá na identidade cultural das sociedades desta etnia fazendo com que os seus indivíduos iniciados e os não iniciados reflitam e vivam a prática da

educação adquirida a partir dos ritos de iniciação de modo a impactarem as novas gerações fazendo – os perceber as suas origens e os seus ancestrais através da prática dos ritos de iniciação. Assim, como é característico nas sociedades africanas a transmissão dos conhecimentos pela oralidade, portanto, o Dilongo é uma instituição do sistema educativo ancestral, caracterizada pela oralidade onde os recém iniciados escutam e aprendem com as pessoas que os antecederam, isto é, a partir das suas experiências educativas que tiveram no Dilongo, e do seu impacto na sociedade. Entretanto, a partir das experiências que os recém iniciado partilham com o makota e os mukulu aprendem e percebem o valor dos bons hábitos e costumes da sua etnia. Ainda no mesmo âmbito, o trabalho vai contribuir na agregação de valores profundo sobre o sistema educacional dos povos Ambundu.

Academicamente, o trabalho busca desmitificar os diversos estereótipos e saberes preconceituosos construídos ao longo dos tempos sobre o sistema educacional dos Ambundu, assim como visa contribuir aos estudantes conhecimentos relacionados aos hábitos e costumes dos povos Ambundu do Município de Samba – Caju. Neste sentido, por via do sistema educativo Bantu o trabalho fará conectar as futuras gerações acadêmicas do Município de Samba – Caju os saberes e memórias relacionados a etnia. Entretanto, academicamente o trabalho facilitará a compreensão do Dilongo e sistema educacional dos povos Bantu de Angola, como elementos fundamentais na construção da consciência coletiva das sociedades Ambundu e guia dos seus indivíduos sobre princípios de valores morais e cívicos. Face isso, o mesmo servirá como fonte de aquisição de informações sobre o rito de iniciação realizado no Dilongo.

Outrossim, justifica – se por ser uma questão que inquieta alguns e que divide opiniões entre os munícipes. Em Samba – Caju a práticas dos ritos de iniciação tem sido um assunto de reflexão por certas pessoas iniciadas. Entretanto, quando os makotas se deparam com indivíduos que manifestam comportamento indecorosos especificamente dos indivíduos do gênero masculino, os remete a lembrar a importância do Dilongo e dos conhecimentos transmitidos pelos makotas² e os mukulos³ na ritualização de iniciação. Diante dos desvios dos hábitos e costumes da etnia, percebem o significado e a relevância da educação do dilongo na vida dos indivíduos do gênero masculino. Pois, na compreensão dos makotas, percebem que no processo do rito de iniciação, o menino recém circuncidado tem um encontro

² Makota é o plural de Dikota, são palavras que indicam pessoas adultas, os mais velhos, pessoa com vasta experiência de vida, as palavras não são aplicadas apenas por pessoas com a idade superior, mais por toda pessoa que apresenta maturidade de vida.

³ Mukulos é plural de nkulo, as palavras indicam todo indivíduo do gênero masculino que já é circuncidado

com a educação ancestral em que, os makotas e os mukulos, pessoas idôneas transmitem conhecimentos de boa conduta.

3 – Objetivos:

3.1 – Objetivo Geral

Entender o sistema educativo dos povos Bantu de Angola: o caso do Dilongo no Município de Samba – Caju, província do Cuanza – Norte.

3.2 - Objetivos específicos

- ✓ Analisar o “Dilongo” como um lugar onde se realiza a circuncisão masculina e transmite – se conhecimentos sobre a cultura por intermédio do sistema educativo da etnia Ambundu;
- ✓ Compreender o sistema educativo Ambundu como um dos métodos para a dinâmica da consciência coletiva dos indivíduos do município de Samba – Caju;
- ✓ Identificar as ideologias do Estado/Democrático e da Religião/ cristã como fatores que interferem no sistema educativo dos Ambundu do município de Samba – Caju.

4 – Problematização

A educação consiste em uma socialização metódica das novas gerações. Em cada um de nós, pode-se dizer, existem dois seres que, embora sejam inseparáveis - a não ser por abstração -, não deixam de ser distintos. Um é composto de todos os estados mentais que dizem respeito apenas a nós mesmos e aos acontecimentos da nossa vida pessoal: e o que se poderia chamar de ser individual. O outro é um sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós não a nossa personalidade, mas sim o grupo ou os grupos diferentes dos quais fazemos parte; tais como as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais e as opiniões coletivas de todo tipo. Este conjunto forma o ser social. Constituir este ser em cada um de nós é o objetivo da educação, (Durkheim, 2011).

Segundo Hampate Bâ (2010), quando falamos de tradição em relação à história africana, referimos – na tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo

dos séculos. Neste sentido, o sistema educativo dos povos Bantu de Angola, sobretudo no que tange ao sistema educacional da etnia Ambundu situados na província do Cuanza – Norte, as suas sociedades são desenvolvidas a partir dos saberes proveniente dos espaços de iniciação especificamente, o espaço de nascimento, circuncisão, casamento e o da morte, onde por via da oralidade o recém iniciado aprende sobre os hábitos e costumes da etnia.

Em conformidade com Ki – Zerbo (2010), antes da invasão colonial na África, particularmente ao sul do Saara, os povos autóctones que habitaram o continente tinham os seus hábitos e costumes por cada etnia bem definidos assim como o caso da religião, economia, educação, política e a administração de modo geral. Desenvolviam as suas sociedades de acordo aos princípios educacionais que adquiriam nos espaços dos ritos de iniciação. A problematização é fundamentada a partir do impacto da colonização, e das interferências das ideologias do Estado/democrático e religiosas/cristã no sistema educativo dos Bantu de Angola.

A colonização do continente africano pelos europeus desestabilizou as sociedades em todos aspectos e conseqüentemente fez com que a cultura seja alienada nas sociedades pós-coloniais, um ato que foi feito com a imposição colonial através da nova construção social dos povos autóctones tal ato que ocorreu por dois processos relevantes, a evangelização e a “civilização” dos povos indígenas africanos. “Os africanos e seus descendentes foram vendidos, raptados e/ou roubados e trazidos a força em condições desumanas, tinham que dar o sentido e o significado a realidade de novos lugares” (DOMINGOS,2017, p.191).

Estes processos contribuíram e contribuem na negação da prática dos ritos de iniciação nesta etnia, “Destarte, o colonizador e escravocrata procurou destruir esses conceitos de estar e ser humano no mundo Africano” (DOMINGOS, 2017, p. 191) além de ser uma humilhação, o ocidente desenraizou a identidade das populações africana, que resultou na negação dos seus próprios hábitos e costumes. O processo de assimilação imposto pelo colonizador aos povos negros africanos fez com que estes deixassem de praticar e acreditar nas suas atividades ligadas à sua ancestralidade invocados no ato das realizações dos ritos de iniciação, adicionalmente, os outros processos coloniais que contribuíram para que não se pratique os ritos de iniciação nesta etnia é a imposição da religião/ cristã e das ideologias do estado (MBEMBE, 2001).

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o seu segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral, consegue colocar – se ao alcance dos homens, falar – lhes de acordo com o entendimento

humano, revela – se de acordo com as aptidões humana (HAMPATE BÂ, 2010, p.169).

Constata – se a interferência das ideologias religiosas/cristã na prática dos ritos de iniciação quando um indivíduo aceita seguir os princípios de uma determinada religião/cristã. Entretanto, é visível no município de Samba – Caju, pela influência da doutrina religiosa/cristã constatar, das pessoas, principalmente se forem batizadas, olharem a prática dos ritos de iniciação e as práticas de certos hábitos e costumes das suas famílias e da etnia com desdém e menosprezo, ou mesmo diabolizando, ou seja, assim, como a religião/cristã diaboliza as práticas endógenos em todas as sociedades africanas, os indivíduos da etnia Ambundu, especificamente os do Município de Samba – Caju pela influência religiosa/cristã rejeitam os seus hábitos e costumes. Assim como afirmam a citação

A conversão” manifestada de dentro para fora – “ despir – se do velho homem e revestir – se de Cristo “ – era a via primária pela qual se introduzia um novo membro nas comunidades. Uma distinção significativa entre cristianismo e politeísmo pode ser estabelecida no seguinte sentido: embora aquele (a) que se “convertesse fosse proveniente de diferentes enraizamentos étnicos ou regionais, no ato da conversão integrava – se a uma comunidade cuja regra universal era a crença manifestada no Cristo, Salvador da humanidade. “ Livrar – se dos embaraços” trazidos pelas “ tradições de seus pais” era passo seguinte. Não é difícil perceber a reação (algumas vezes implicando perseguição pública) que uma atitude como esta poderia suscitar, ao desligar o indivíduo da obediência aos costumes dos seus antepassados e das tradições religiosas (MENDES; OTERO, 2005, p. 20).

Apesar de compreender os ritos de iniciação como práticas diabólicas, as igrejas cristãs que são as mais predominante em Samba – Caju, são instituições fundamentais na moralização, transformação da consciência e mudança de comportamentos das pessoas, pois pelo neste município muita gente que antes de conhecer ou seguir os princípios religiosos apresentavam comportamentos indiferentes, mas depois da que se converterem nos princípios religiosos/cristã manifestam comportamento aceitável na sociedade.

Deste modo, diante dos estudos feitos aos povos Ambundu, Batsikama realça e traz dados por percentagens apontando que a população Ambundu é majoritariamente cristã, “O universo inquirido por nós é cristão na sua maioria (99,34%)” (BATSIKAMA, 2016, p. 126) que pressupõe a imaginar sobre as convicções dos povos das sociedades Ambundu são convicções sustentadas a partir dos princípios religiosos e, pela fé, todas as suas atividades realizam segundo os princípios das suas denominações religiosas, que os remete a se afastar dos hábitos e costumes da etnia.

De maneira geral, os tradicionalistas foram postos de parte, senão perseguidos, pelo poder colonial que, naturalmente, procurava extirpar as tradições locais a fim de implementar suas próprias ideias, pois, como se diz, “ Não se semeia nem em campo plantado nem em terra alqueivada”. Por essa razão, a iniciação geralmente buscava refúgio na mata e deixava as grandes cidades chamadas de Tubabudugu, “ cidades de brancos” (ou seja, dos colonizadores) HAMPATE BÂ, A. 2010, p. 176)

Como enfatiza Hampate Ba (2010), a transmissão oral dos conhecimentos caracteriza as sociedades africanas, entretanto, os makotas das sociedades Ambundu pela via oral transmitem os seus saberes de uma geração a outra especificamente aos recém iniciados na perspectiva de ajudar a entender que, a casa onde se realiza a circuncisão masculino desde os tempos mais remotos dos povos Ambundu, é o Dilongo, considerado como espaço sagrado e de muita reverência. Entretanto, de uma maneira geral, as atividades de iniciação, de acordo com Mbungululo (2020), abordagens que o ato da circuncisão carrega consigo um grande símbolo cultural, sendo um procedimento cirúrgico de múltiplos significados sagrados em muitas culturas. Porém, a educação adquirida neste lugar, carrega valores morais e cívicos, cujo objetivo é a boa relação entre os indivíduos “o ritual como processo de educação pode ser assim pensado pela transmissão de saberes de geração para geração, geralmente dos mais velhos para os mais novos, na esperança de que os mais novos deem continuidade ao processo de forma a assegurar a existência sociocultural” (GASPAR, 2021, p. 11)

A iniciação, por exemplo, é um ato através do qual os indivíduos aprendem novos códigos da vida social da sociedade de pertença”. O ritual é um paradigma emblemático, criado de formas diversas em função de cada comunidade ou grupo social específico de uma determinada região, com fundamento em suas maneiras de vida, práticas culturais, concepções, construções de valores, conhecimentos e visão de mundo (a forma que cada um enxerga, interpreta e compreende o mundo ao seu redor) (GASPAR, 2021, p. 11).

Como definimos, o Dilongo é uma escola, portanto, sua constituição é compreende duas partes importantes, o Dilongo propriamente dito, que é parte da residência onde os recém circuncidados dormem em companhia dos seus mukulos e o lumbo que corresponde o quintal onde os recém circuncidados praticam as suas diversões durante o dia. Portanto, em certas ocasiões das diversões e instruções específicas, estes são divididos em dois grupos, o do ngola - mbole⁴ e o do cassula.

Em cumprimento às normas culturais, as meninas são expressamente proibidas de chegarem neste espaço, face a isso, para os Ambundu, as práticas ritualísticas e os saberes relacionados aos indivíduos do gênero masculino, devem ser só transmitidos na ausência da outra pessoa do gênero oposto. Entretanto, os meninos na fase da adolescência, são convocados e posteriormente, reunidos no Dilongo para o rito de iniciação da etnia.⁵

⁴ Dentre os meninos circuncidados, o primeiro a enfrentar o ato do corte do prepúcio é chamado de “ngola-mbole” um termo kimbundu que indica a pessoa responsável entre os circuncidados.

⁵ A população do município de Samba – Caju é majoritariamente cristã, e por motivo das suas crenças religiosas faz com que aqueles que passaram e sabem sobre o rito de iniciação e a educação transmitida no dilongo não realçam aos mais novos pois é concebível a partir dos princípios religiosos como um ato ligado ao satanismo.

Entretanto, voltando a interferência religiosa/cristã, é considerada uma pessoa convertida aos princípios religiosos aquela que é batizada, ou seja, aquela que decidiu não participar e praticar as coisas mundanas (práticas não religiosas/cristã), pois estas constituem pecado.

De tal modo, nesta etnia, particularmente o município de Samba - Caju, as ideologias/cristã e do Estado/democrático tendem estar acima de todos os outros poderes, submetendo –os sobre as suas normas de orientações para a construção da consciência coletiva dos indivíduos “também, os valores costumeiros angolanos foram drasticamente ignorados no seu aproveitamento para melhor funcionamento da democracia em Angola” (BATSIKAMA, 2016, p. 131).

No Município de Samba – Caju o Estado/Democrático por intermédio das suas ideologias faz entender a sociedade como o órgão principal de promover aos indivíduos os princípios morais e cívicos. Costumeiramente as sociedades Ambundu são dirigidas por sobas e regedores eleitos a partir dos princípios endógenos da etnia ou do seu clã que posteriormente são apresentados a comunidade na qual ela pertence como pessoas máximas da população para cumprirem e fazerem cumprir as práticas ritualísticas.

Os sobas e regedores são os representantes do poder local nas sociedades Ambundu, a estes também são adicionados os makotas, pessoas que constituem o conselho de cada comunidade desta etnia “a educação tradicional, sobretudo quando diz respeito aos conhecimentos relativos a uma iniciação, liga –se a experiência e se integra a vida” (HAMPATE BÂ, 2010, p.182). Porém, além da função das famílias na educação dos filhos, o tripé mencionado acima, é fundamental em promover aos indivíduos os princípios morais e cívicos que mantém viva as memórias culturais que se fazem cumprir na prática dos ritos de iniciação nas comunidades desta etnia.

É muito perplexo às vezes constatar nas sociedades Ambundu a ausência de políticas públicas que fortalece e incentivam o sistema educativo endógeno, tendo em conta a sua relevância na moralização da consciência dos indivíduos, como estabelece o primeiro parágrafo do artigo nº 223º da Constituição da República de Angola “O Estado reconhece o estatuto, o papel e as funções das instituições do poder tradicional constituídas de acordo com o direito consuetudinário e que não contrariam a Constituição”. (ANGOLA, 2022, p. 114).

Abordamos as interferências sobre a cultura da etnia Ambundu, apontando o processo colonial e as ideologias religiosas/cristã e do Estado/democrático, ambas das

De tal modo também está o Estado que tem convencido os líderes das aldeias (sobas e regedores) desta circunscrição municipal, a terem posições na resolução dos problemas como entidades do governo, posição que entra em conflito dos líderes quando ao cumprimento dos ritos tradicionais

sociedades modernas que em determinadas ocasiões obscurecem a prática dos ritos de iniciação. Entretanto, no meio destas interferências ideológicas urge os questionamentos sobre os saberes culturais da etnia Ambundu. Qual é impacto do dilongo na educação dos indivíduos do Município de Samba – Caju? Diante das interferências, de que maneira o sistema educativo Bantu contribui a consciência coletiva dos indivíduos do Município de Samba – Caju?

5 – H1 – Hipótese

Os Ambundu do Município de Samba – Caju, compreendem o “Dilongo” como escola dos indivíduos do gênero masculino, espaço do rito de iniciação e transmissão de conhecimentos, hábitos e costumes da etnia.

6 – Fundamentação teórica

Neste item estão abordados certos aspectos teóricos que correspondem a temática principal, Sistema Educacional dos povos Bantu de Angola: o caso do Dilongo no município de Samba – Caju, província do Cuanza – Norte. Entretanto, antes de realçarmos os aspetos que correspondem a nossa temática começamos por trazer as informações sobre a origem das sociedades Ambundu e da prática do rito de iniciação. Fundamentando – se a partir de Batsikama, autor que descreve os hábitos e costumes dos povos Ambundu na sua obra “O poder político entre os Mbundu” percebe – se que “a iniciação à puberdade é um instrumento valioso para garantir a continuidade da sociedade. Os rapazes (e as meninas) iniciados/as buscam conservar o que instituiu o (Kima) Na-Weze Tumba Ndala⁶” (BATSİKAMA, 2016, p. 10 2).

Segundo Domingos (2020), a palavra Bantu” significa “seres humanos, pessoas, homens, povo”. Sugeriu, para a divisão das línguas africanas em classes, a designação de “línguas bantas”, pensando que o radical “ntu” seria comum a todas elas. O prefixo “ba” forma o plural da primeira classe. O vocábulo “ntu” é, por assim dizer, a expressão cristalizada da mentalidade natural banta, acentuando de maneira extraordinária o que é

⁶ De acordo com Batsikama Na Wêze Tumba Ndala simboliza a união dos kwej (cunhados) onde a palavra Tumba indica a instituição da investidura consoante as leis deixadas pelos ancestrais

fundamental e essencial no “Muntu” e na África Banta, revela o foco cultural, característico dos povos da África sulsariana, neste sentido o autor diz que, o povo bantu provém de uma extraordinária explosão demográfica. Alguns autores localizam esta explosão nas mesetas do Banchi, Nigéria. Greenberg julga que se formaram nos planaltos ao norte dos camarões. Com uma migração que começou a 2.000 ou há 2.500 anos, e em seguida, se dispersaram empreendendo assim, a maior migração realizada em África.

Por outro lado, o autor realça de que é imperativo inferir que durante as emigrações os povos bantos por onde passavam para além de dominar alguns povos que encontravam em certas regiões tendo em conta o domínio da técnica do ferro que eles possuíam estes também deixavam um pouco dos seus hábitos e costumes. Por este fato, podemos constatar que de uma forma geral os hábitos e costumes dos povos bantos se assemelham bastante, tendo em conta o passado histórico dessas populações. Dentre eles o ritual do casamento, pois as semelhanças entre os vários povos ainda que alguns estejam no Sul e outros no centro, elas sempre são visíveis como é o caso do Alambamento em Angola particularmente entre os Kibalas com o casamento tradicional Zulu na África do Sul o deu mshado. Os Ambundos são um povo que habitam majoritariamente o norte da República de Angola, cuja língua falada é o Kimbundu (DOMINGOS, 2020). Neste sentido, Batsikama aborda sobre a origem dos Ambundu na citação abaixo:

Conta os Mbundu que o mundo começou quando Ngola Inene chegou das terras longínquas do Nordeste e se estabeleceu onde os Mbundu hoje vivem. Ngola procriou uma filha, Samba, e Samba por sua vez deu luz Kurinje kwa Samba e Kiluanje kya Samba. Kuringe kwa Samba (deixando momentaneamente de lado os descendentes de Kiluanje kya Samba) foi progenitor de Mbulu wa Kurinje e Mbulu wa Kurinje gerou Zundu dya Mbulu, Kongo dya Mbulu, Mumbamba a Mbulu, Matamba a Mbulu, Kajinga ka Mbulu, Mbumba a Mbulu, e talvez Kavunje ka Mbulu, os fundadores dos Ndonggo, dos Hungu, dos Pende, dos Lenge, dos Mbindo e Imbangala, dos Songo e dos Libolo, respetivamente. O mundo ainda de acordo com Mbundu, começou quando os antepassados desses mesmos atuais subgrupos etnolinguísticos vieram com malunga do mar e pararam quando chegaram às colinas e vales onde hoje se podem encontrar os seus descendentes (BATSIKAMA, 2016, p. 101).

Neste sentido, Nsiangengo; Santana; Helena; Couveia (2018), afirmam de que os povos Mbundu viviam a sul do Kongo e a oeste do Império Luba/Lunda. O Reino do Ndonggo formou-se entre os anos de 1300 e 1400, depois do Reino do Kongo, e o seu fundador foi Ngola Mbandi, ou Ngola Inene. A primeira capital do Reino do Ndonggo foi Ngoleme, que depois do incêndio de 1564 foi transferida para Kabassa (Mbanza-a-Kabassa), situada perto do atual Dondo, na província do Cuanza Norte. Por lado, os autores descrevem a situação econômica do Reino afirmando de que as colheitas eram abundantes no Reino do Ndonggo e realizavam-se mercados para venda ou troca dos excedentes da produção com os reinos

vizinhos. A moeda que circulava neste reino era o sal-gema, chamado Njimbo, que era trazido das minas da Quissama.

Entretanto, a agricultura e o artesanato eram as atividades principais do Reino do Ndongo. Cultivavam o feijão, o milho, o inhame e a banana, entre outros produtos. O trabalho principal era feito pelas mulheres. Eram elas que trabalhavam a terra, plantavam, semeavam e colhiam os produtos. Os homens dedicavam-se sobretudo à caça, à pesca, ao artesanato e à metalurgia. Os artesãos fabricavam armas, cerâmica e outros utensílios necessários à vida das comunidades (NSIANGENGO; SANTANA; HELENA; COUVEIA, 2018). Entretanto, como parte cultural dos Ambundu os processos educativos dos indivíduos do reino do Ndongo ocorriam nas cerimônias dos ritos de passagens ou de iniciação.

Segundo Bendo (2022), o ritual de iniciação tem como característica principal ligar o indivíduo ao seu grupo social. Assim, face as abordagens de Bendo, realça – se que as sociedades Ambundu, pelo seu sistema educativo os mesmos ligam os sus indivíduos aos grupos sociais, no caso específico a familiar através da linhagem matrilinear, onde o tio, irmão da mãe é titular do poder, como afirma “Isto é, tudo que produz a bexiga da mãe está sob responsabilidade (kumu) do irmão dela. Isso quer dizer, a responsabilidade do ñlêmba tornar o seu sobrinho um verdadeiro utu” (BATSIKAMA, 2016, p. 112).

Em conformidade com Batsikama, o Ñlêmba (tio) irmão da mãe, pelo poder que exerce no seio da família também é responsável e promotor em cumprir e fazer cumprir aos seus sobrinhos, filhos da irmã, os hábitos e costumes da linhagem familiar, como realça “O indivíduo aprende a obedecer ao seu ñlêmba desde a tenra idade, pois já o obedecia antes de começar a perceber o mundo a sua volta” nlemba ou dilemba, na língua dos ambundu “kimbundu” (BATSIKAMA, 2016, p. 111). Destacar aqui a preponderância do papel do tio que tem uma função mais relevante e marcante da educação dos seus filhos e sobrinhos, quando por exemplo estes são convocados para o rito de circuncisão realizado num espaço chamado “dilongo”.

A circuncisão Bantu é feita por duas pessoas distintas, um cirurgião e um enfermeiro encarregue de fazer o curativo, e o penso. O circuncisado é simplesmente uma criança vazia, que precisa ser iniciada a fim de adquirir uma identidade que será construída no ritual, baseada sempre numa identidade coletiva, o ritual de passagem ou de transição como ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e de idade, caracterizando - se por três fases: separação, margem e agregação (NKONDO, 2015).

Na perspectiva da aquisição da identidade, aponta –se a fase da vida adulta é encarada com muita responsabilidade pelos Makota das sociedades desta etnia, pessoas

idôneas e responsáveis na preservação e cumprimento das normas que regem a etnia, “as leis estão na responsabilidade de conservação e fiscalização do Conselho dos Anciãos (Makota e Kilâmba) ” (BATSIKAMA, 2016, p.112). Portanto, nesta linha de ideia, os indivíduos das sociedades, Ambundu, aqueles de vasto conhecimento e as experiências sobre a iniciação, pensaram em criar um espaço para que os meninos na fase da adolescência, quando completariam a idade de entrar na fase da sua circuncisão entrassem num espaço ou instituição “ Dilongo” afim de serem instruídos sobre os hábitos e costumes da etnia e orientado sobre as suas futuras responsabilidades na outra fase da vida. Face aos espaços de iniciação, Osorio afirma:

As instituições culturais organizam os lugares e os papéis e as funções sociais que cada um deve ocupar na sociedade. Nesse sentido, a cultura é determinante para a construção das identidades sociais. Isto é, numa determinada cultura as pessoas aprendem a reconhecer-se e a reconhecerem os outros em termos de partilha de representações e práticas, desde a forma como se cumprimentam, como mostram hospitalidade, como partilham uma refeição e, para ir mais a fundo, como pensam acerca da vida, do amor e da amizade (OSÓRIO, 2015, p. 1).

Para os Ambudu, o Dilongo é um dos espaços onde se constrói a identidade dos indivíduos do gênero masculino. Entretanto, neste espaço o menino na idade da adolescência entra nas instruções das normas e valores das sociedades da etnia, valores que os difere dos outros indivíduos ainda não iniciados. Deste modo, em questão educativa o recém circuncisado será exemplo quando ao seu bom comportamento, pois o mesmo aprendeu dos Makotas os ensinamentos que abrangem todas as esferas da vida cultural desde os hábitos e costumes do seio familiar e da etnia, constituição da família, sua origem e os ritos que predominam a sua clã e etnia.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mais também como um meio de continuação da sabedoria dos ancestrais, venerada do que poderíamos chamar de elocuições – chave, isto é, a tradição oral. A tradição oral pode ser definida de fato, como testemunho transmitido de uma geração para outra (VANSINA, 2010, p. 139).

Segundo Gaspar (2021), o processo ritual é um instrumento de educação tradicional na medida em que os meios e os fins da sua realização têm função educativa. A iniciação, por exemplo, é um ato através do qual os indivíduos aprendem novos códigos da vida social da sociedade de pertença. O ritual é um paradigma emblemático, criado de formas diversas em função de cada comunidade ou grupo social específico de uma determinada região, com fundamento em suas maneiras de vida, práticas culturais, concepções, construções de valores, conhecimentos e visão de mundo (a forma que cada um enxerga, interpreta e compreende o mundo ao seu redor).

Quando estudamos os ritos de iniciação constatamos que pelo que ensinam e pelo modo como são transmitidas as aprendizagens, as crianças do sexo feminino e do sexo masculino aprendem a distinguir-se e a adoptar práticas que lhes condicionam o acesso a direitos. Ou seja, os ritos de iniciação têm uma primeira função que é de formar identidades, de nos dizer o que está certo e errado no nosso comportamento (OSORIO, 2015). Neste sentido, os ritos são apresentados como verdades que não podemos questionar sob pena de estarmos a violar a nossa cultura, a passagem por esta fase, era obrigatória (BENDO, 2019). No sistema educativo dos povos Ambundu a orientação para se chegar ao rito de iniciação começa logo na fase infantil dos meninos, isto é, a partir das escolhas das brincadeiras e brinquedos, vestuário, corte de cabelo, etc., estas e outras orientações educativas é que moldam e motivam o menino na fase da adolescência a chegarem à casa de circuncisão sem medo e sem resistência.

Devia - se cumprir as normas culturais, pois o menino, o moço, ou o jovem não podia ter relações conjugais nem sexuais. Falar dos ritos de iniciação Makuwa é falar de um conjunto de rituais que são realizados pela sociedade Makuwa, com o propósito de informar o/a iniciado/a e testemunhar a passagem deles da fase de crianças para adultos. Durante o processo, os/as iniciados/as são educados/as e ensinados/as boas maneiras de conduta social, como é o caso de respeito mútuo entre as pessoas, desde aos mais velhos até aos mais novos e o respeito às autoridades sócio-políticas e administrativa. Os ritos têm um papel fundamental, porque respondem a alguns problemas sociais fundamentais, posto que toda condição humana é exposta a ritos (DUART; MACIEL, 2014, p. 29).

Segundo Pais (2009), na verdade, em sociedades de outrora existiam ritos de passagem que demarcavam, de modo preciso, a transição dos jovens para a idade adulta, como os ritos de circuncisão. Mais recentemente, o casamento e a obtenção de um trabalho constituíam momentos-chave para a aquisição do estatuto de adulto. E até o cumprimento do serviço militar – dizia-se – fazia de um rapaz um homem. Hoje em dia, são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida.

A pesar da interferências das ideologias religiosas e do Estado que sobrepõe os hábitos e costumes da etnia Ambundu especificamente os do município de samba – caju, ainda é notório em certas aldeias que distam por mais quilômetros da zona urbana, apesar de não ser frequente a prática dos ritos de iniciação mas, ainda existem clãs onde é possível encontrar pessoas idôneas, ou makota como são chamados e respeitados pelo povo da etnia, que fazem acontecer as práticas dos ritos de iniciação, como mandam as regras culturais dos Ambundu.

No “Dilongo” os makotas e os outros indivíduos com o conhecimento e experiências sobre os hábitos e costumes da etnia são os responsáveis pela transmissão do conhecimento,

instrução e orientação das futuras responsabilidades pessoais e coletivas de cada recém circuncidado “os kijiku ya malunda estão na responsabilidade dos guardiões das coletividades, Makota, ao passo que os kijiku ya ndala constituem o domínio dos Lâmba, chefe espiritual da terra (específica: Ndala)” (BATSIKAMA, 2016, p. 104). Dentre as várias orientações que os makotas passam aos recém circuncidados é de sempre e nunca esquecerem de pensar no bem particular e do coletivo, pensar sempre no bem do próximo, olhar e entender a natureza como parte do homem e que merece o mesmo tratamento que se presta aos seres humanos porque dela as pessoas encontram - se com o divino o “ Nzambi ya Pungo” e se reencontra com a sua ancestralidade.

Assim sendo, geralmente, os ritos de iniciação não podem passar daquilo que se chama de educação. Se por um lado a educação moderna ensina, dotando o aluno de conhecimentos socioculturais, por outro, a educação dos ritos de iniciação dota-o de conhecimentos socioculturais da sociedade a que pertence e de conhecimentos da ciência comunitária. Ao falar da iniciação como uma componente da educação, chamo atenção desde já que estou longe de me referir à educação “formal”, mas que estou me referindo à educação “informal”, aquela que acontece em meios comunitários (NAMUHOLOPA, 2017, p. 30).

Ao abordar sobre os ritos de iniciação, Osório (2015), realça de que, se para os rapazes significa um conjunto de elementos que têm a ver com o respeito pelos mais velhos, formas de saudação, algumas proibições (como entrar no quarto dos pais), para as meninas o respeito significa isso também e para além disso, principalmente obediência ao marido e conformidade com diferentes formas de violência. Uma rapariga que tenha sido sujeita aos ritos é preparada para servir. Neste sentido, os makotas da etnia Ambudu, compreendem a coragem como um ato que só pode ser bem demonstrado diante das turbulências da vida de uma pessoa depois que indivíduo do género masculino passa pela circuncisão do Dilongo. Um homem corajoso garante confiança à sua família e na sociedade, entende –se que com a sua coragem ele pode caminhar viagens de longa distância em busca de soluções para suprir as necessidades da vida. Só o homem corajoso anda sozinho para ir ao campo para lavrar a terra, ir ao rio pescar e exercer todas as suas funções de homem e provedor da família.

Entretanto, não entrando em conformidade com o Osório que usa o termo “violência” os mukulos e os makotas da etnia, no Dilongo desenvolvem aos meninos recém circuncidados o lado corajoso, sobre a perspectiva de que quando forem maridos, pais e subsequentemente homens que servirão a sociedade, não possam encararem os impasses da vida com medo, mais resolver os mesmos com determinação e coragem. “Os ritos de iniciação são também muito violentos para os rapazes, em que com castigos inomináveis eles aprendem a ser dominadores, aprendem que depois de iniciados devem começar a preparar-se para serem homens e para proverem uma família” (OSÓRIO, 2015, p. 4).

Na circuncisão masculina que acontece no Dilongo, os meninos depois de passarem os quatro dias após o ato do corte do prepúcio, os dias seguintes em que as feridas mostram sinais de cura, os recém circuncidados começam a aprender a partir do sistema educativo deste povo, os hábitos e costumes da etnia. Entretanto, no processo de ensino e aprendizagem aqueles que não assimilam os conhecimentos transmitidos e por questões de irregularidades entre os recém circuncidados envolvidos lhes são aplicados castigos. Assim, um dos castigos muito frequentes quando há irregularidades, é de os indivíduos não participarem numa das refeições, ou os mesmos são levados a castigos de palmatórias, isto é, em casos graves.

Segundo (Nkondo,2015), para os Bantu (plural de muntu – uma pessoa -), a circuncisão é um ato de ética, de virilidade e orgulho masculino. Só se circuncisa um homem não circuncidado que em língua Kikongo, é chamado de “Sutu” ou “Ebolo” (singular), “Masutu” ou “Mabolo” (Plural) e é estigmatizado, discriminado, a ponto de ter dificuldades de encontrar uma menina que lhe aceita para casamento. Entretanto a circuncisão marca a vida do indivíduo e a responsabilidade da sua família pois, passando neste processo é compreendido como um homem crescido e formado, por isso quando um menino na idade de circuncisão os pais não o fazem circuncidar no seu tempo próprio, o menino fica triste e respetivamente também os seus pais ficam cabisbaixos diante da comunidade.

Existem casos que às vezes por situações de condições econômicos dos pais, crianças há, que não são circuncidadas na fase da adolescência pois para a uma família entregarem o seu filho ao rito de iniciação devem estar bem munidos com produtos alimentícios para o sustento do seu filho enquanto estiver no Dilongo como circuncidado, por este motivo o menino em certos momentos passa por situações de bullying e zombarias dos outros já circuncidados.

Segundo Oliveira (2018), durante a cerimônia de circuncisão dos rapazes, o que se dá inicialmente em um estabelecimento de reclusão, conhecida como “Etanda” (grande acampamento) ou “Ekwendye” (coisa importante de rapaz) ocorrem atividades bastante representativas desta relação, a exemplo das danças que acontecem logo após a saída do acampamento onde os jovens ficam reclusos para o corte do prepúcio.

Para a realização do rito de iniciação -circuncisão masculina obedece certos critérios para que os meninos sejam incorporados na sociedade, mais estes variam de acordo a região e etnia:

- Proclamação da festa da circuncisão;
- Caçada ritual dos circuncidados da aldeia;
- Rito da farinha pela mulher do soba;

- Os rapazes dirigem-se para o local da circuncisão;
- Reunião dos homens com batuques e as mulheres a uma distância considerável cantam;
- Os rapazes colocam-se em fila, sem roupa alguma;
- Ato da circuncisão;
- O circuncidado sacrifica uma galinha e proclama o seu novo nome;
- Retiram-se para o acampamento, enquanto as mães entoam cantos de luto, entram no acampamento completamente despidos, com proibições e isolamento;
- De regresso a aldeia proclama-se a festa e preparação da cerveja, os rapazes são vestidos de cascas e cobertos de barro, o acampamento é queimado com tudo que está dentro, o soba e a mulher recebem-nos na aldeia traçando um círculo a volta de cada um, as mulheres da aldeia e as mães recebem-nos cobrindo-os de pano (SUCO, 2022).

Na etnia Ambundu, o rito da circuncisão é considerado como um ato solene. Culturalmente o povo está ciente e compreende os perigos que ocorrem no momento do corte do prepúcio. É um período que envolve muitas rezas, pedidos de ajuda e a Nzamby⁷ Ya Pungo e aos ancestrais para que tudo corra bem, pois, neste período da execução do corte dos prepúcios toda comunidade fica atenta e pela ordem do soba⁸, pessoa responsável da comunidade declara para toda a população da comunidade a não efetuarem qualquer atividade, exceto aquelas atividades relacionadas a colheita de alimentos ou seja, tudo para e toda atenção é dada aos meninos que estão sendo circuncidados.

7 - Procedimentos Metodológicos

Inicialmente, para alcançar os objetivos pretende – se usar a pesquisa qualitativa que lida diretamente com as questões das ciências Sociais e Humanas. Neste sentido, por se tratar de uma temática que aborda sobre o sistema educativo dos povos Bantu de Angola perspectiva– se coletar os dados a partir do método de estudo de caso, entrevista e bibliográfico ambos da pesquisa qualitativa. Tencionamos fazer a coleta de dados em Angola presencialmente, caso haja disponibilidade financeira, e se não, faremos a partir do Brasil através dos meios eletrônicos, isto é, através de celular e computador. Entretanto, no intuito de constatar a verdade e realidade do Dilongo assim, perspectiva –se a participação numa

⁷ - Nzamby Ya Pungo – Deus todo Poderoso

⁸ Em Angola a palavra SOBA indica a pessoa responsável de uma comunidade, líder.

cerimônia ritualística da circuncisão masculina no dilongo através da técnica de observação “Você pode assistir a uma cerimônia, uma festa, uma reunião pública, um espetáculo, pois são eventos aos quais todo mundo tem direito de assistir, gratuitos ou pagos ou eventos cujo direito de participar teve de ser negociado” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 100).

A coleta de dados que será feita através da entrevista, é de intenção efetuar a entrevista não estruturada em certos indivíduos iniciados e não iniciados para a boa averiguação das informações, isto é de ambos sexos por via de conversações, entretanto, conversações a partir dos makotas, mukulus e os recém circuncidados. “na entrevista não estruturada o pesquisador busca conseguir, por meio da conversação, dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, ou seja, os aspectos considerados mais relevantes de um problema de pesquisa” (BARROS, 2007, p. 108).

Entretanto, a coleta de dados que será efetuada a partir das referências bibliográficas perspectiva-se buscar conteúdos ou informações de autores que abordam sobre a temática em estudo. Entretanto, segundo Cerro; Berviam, Silva (2007), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos busca – se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, ou problema.

Neste sentido, “a interdisciplinaridade, como método na pesquisa no processo de produção de saberes e conhecimentos de origem Africanos se torna necessário” (DOMINDOS, 2017, p.200). Buscamos compreender a temática a partir dos saberes dos estudos africanos especificamente, as práticas educativas do povo Ambundu desenvolvidas no Dilongo, que é caracterizado predominantemente pela oralidade “ não existe até o momento, nenhum estudo do conjunto das fontes escritas da história da África” (KI – ZERBO, 2010, p. 78).

O sistema educativo dos povos Ambundu desde os seus tempos mais idos é caracterizado pela oralidade no Dilongo. Acordo com as abordagens de Vansina citadas abaixo indicam como a oralidade predominou nas sociedades africanas.

As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita; como na África Ocidental a partir do século XVI, pois muito poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade (VANSINA, 2010, p.139).

Em conformidade com Hampate Bâ (2010), a própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito da palavra a palavra falada se empossava à sua origem divina e às

forças ocultas nela depositadas, entretanto, no que se refere a preservação dos hábitos e costumes das populações africanas, a educação oralmente transmitida nos espaços de iniciação e nos outros fóruns que albergam indivíduos, meditava – se a memória da ancestralidade. Segundo Vansina (2010), define a tradição oral como um testemunho transmitido de uma geração para outra.

Nesta primeira etapa do projeto, começou-se com a pesquisa e técnicas de levantamento/ coleta de dados bibliográficos, onde reunimos textos, livros, artigos/ monografias, e trabalhos de conclusão de curso (TCC) que contém os conteúdos correspondente ao tema da pesquisa, optou –se por essa técnica por ela ter trazido dados coerentes que abordam sobre os ritos de iniciação dos povos Bantu. Em conformidade com “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas, já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de websites” (PEREIRA, 2021, p. 23 apud (FONSECA, 2002, p. 32).

Entretanto, na perspectiva de alcançar os objetivos do projeto de pesquisa, na segunda etapa buscaremos por via de métodos e técnicas das ciências humanas e sociais explorar e valorizar as esferas dos conhecimentos a volta sistema educativo dos povos Bantu de Angola, especificamente a educação dos povos da etnia Ambundu de Samba Caju. Neste sentido, em conformidade com Domingos (2023), é metodologia holística africana, um entrelaçamento de saberes para uma mais completa revelação de um objeto de estudo, a aproximação entre saberes disciplinares autônomos, cada um com o seu objeto teórico, cada um com as suas metodologias, cada um com as instituições em que se inserem, cada um com as suas relações de poder e o seu simbolismo.

Assim, por ser um projeto de caráter interdisciplinar, depois desta primeira etapa, pretende – se efetuar uma pesquisa com método etnográfico do âmbito antropológico, método usado em diferentes áreas para a coleta de dados nas pesquisas das ciências humanas. Neste sentido, tendo em conta da vasta dimensão do espaço geográfico que os povos Ambundu ocupam, procuramos delimitar a nossa pesquisa a partir do povo Ambundu do Município de Samba – Caju. Portanto, em busca das informações relacionadas ao nosso tema, o trabalho de campo será efetuado através de contatos frequentes num período de tempo considerável.

Entrar – se – a em contato com as diferentes fontes orais, isto é, a partir de pessoas de ambos gêneros para prestarem informações sobre os hábitos e costumes desta etnia, caracterizada pela oralidade, “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma realidade” (VANSINA, 2010, p. 140). Entretanto, face aos contatos com os povos do Município de Samba – Caju, a pesquisa será feita a partir da técnica da observação do método

de estudo de caso que remete apreciação de cerimônias, semelhantes a do rito de passagem da circuncisão masculina no Dilongo. a própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito da palavra a palavra falada se empossava à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas (HAMPATE BÂ, 2010).

O projeto é apresentado como um trabalho de conclusão do curso (TCC), do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira.

8 - Referência bibliográfica

ANGOLA, Constituição da República de. **Capítulo ii, instituições do poder tradicional**. Editora Lexdata -Lda. Edição 1ª Edição Fevereiro, 2022.

BENTO, Margarida Duete Lourenço. **Tchihumbi**: ritual de iniciação das bichientas e suas implicações nas relações de poder em cabinda, Angola - universidade federal da Bahia, 2022. Disponível em: [Universidade Federal da Bahia: tchikumbi](#):

BATSIKAMA, Patrício. **O poder político entre os Mbundu**. Sankofa (São Paulo), 2016•revistas.usp.br.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para pesquisa de campo**. Produzir e analisar dados etnográficos -2007, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, RJ

CERVO, Amado Luiz; BERVIAM, Pedro Alcino; SILVA, Roberto. **Metodologia científica**: São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DUARTE Stela Mithá, e MACIEL Carla Ataíde. **Temas Transversais em Moçambique**: Educação, Paz e Cidadania Textos da Conferência Organizada pelo Centro de Estudos de Políticas Educativas (CEPE) da Universidade Pedagógica em Maputo, 2014.

disponível: [Temas Transversais em Mocambique-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#)

DOMINGOS, Luís Tomás. **Entre estigmas e traumas de violência descolonização e escravidão**: afirmação de identidade afrodescendência. in Revista Identidade. São Leopoldo, 2017. disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/identidade>

DOMINGOS, Luís Tomás. **Atividade investigativos, estratégias de ensino, ação de extensão e relatos de experiência em território do sul**. Pesquisa em rede: cooperação internacional no eixo Sul – Sul. UERN/pau dos Ferros – editora – rede – ter, 2023

DOMIGOS, Gilson Armindo. **O alambamento entre os kibalas (ambundos) em Angola**: Universidade Federal do Ceará Centro de Humanidades Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia.UFC-UNILAB, 2020.

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56334/3/2020_dis_gadomingos.pdf

DURKHEIM, Émile. **A educação, sua natureza e seu papel** - En: Educação e Sociologia, 2011.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**; tradução Roberto Catalado Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Lorí Viali – Porto Alegre: Artmid, 2009.

GASPAR, Serafim Lucas. **Éfiko: tornar- se “mulher” entre o povo nhãneka-humbi da Huíla** – angola. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, 2021.Disponível em:

https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2388/1/2021_arti_serafimgaspar.

HAMPATE BÂ, A. **A tradição viva**. História geral África. I metodologia e pré -história da África, AH Bâ - História geral da África, 2010 - academia.edu.

<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35594078/A-tradicao-viva->

JAIME, Lázaro Miguel. **O Conceito de Autarquias Locais na Constituição da República de Angola** – o caso do Município. Universidade do Minho - Escola de Direito, 2015. Disponível

em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39042/1/L%C3%A1zaro%20Manue>

KI – ZERBO Joseph. **Apresentação do projeto** – história geral de África. I Metodologia e pre – história da África. J Ki-Zerbo - 2010 - books.google

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YLXxED->

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/ 7. Ed. – São Paulo Atlas: 2010

MBEMBE Joseph Achille. **As Formas Africanas de Auto – Inscrição**. Scielo Brasil, 2001

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/ddR69Y7Ptm6KDv4tmHSvbF/?format=pdf&lang=pt>

MBUNGULULO, Hnerique Teixeira. **Relevância dos rituais de iniciação – circuncisão** – na conservação dos valores tradicionais africanos entre a comunidade ouvimbundu no município de Lubango – Huíla – um estudo de caso. Instituto superior de ciências da educação da Huíla – isced – Huíla, 2020. Disponível:

<https://repositorio.iscedhuila.ed.ao/bitstream/20.500.14>

MENDES, Norma Musco; OTERO, Uiara Barros. **Religiões e as questões de culturas, identidade e poder no império romano** PHOÏNIX, Rio de Janeiro, 2005 disponível:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=+religi%C3%B5es+e+a+

NAMUHOLOPA, Óscar Moraes Fernando. **O papel dos ritos de iniciação na comunidade yaawo**: caso da cidade de lichinga-Moçambique. 2017 disponível em: [Óscar Namuhol](#)

NKONDO, Makuta. **Circuncisão masculina como ato de virilidade para o povo Bantu**. Luanda, Club-k, 2015.

Disponível: <https://circuncisaomasculina-como-acto-de-virilidade-para-o-povo-bantu-makuta-NSIANGENGO; Santana; Helena; Couveia. História – 5ª classe. Os primeiros habitantes do actual território angolano Inide, Luanda, 2018>

NDOMBELE, Eduardo David. **Gestão de multilinguismo em angola**: reflexão sobre o ensino de línguas angolanas de origem bantu na província do Uíge. lusofonia jan, 2017.

<file:///C:/Users/Manuel/Downloads/30656-Texto%20do%20artigo-84486-1-10-20170118.pdf>

RODRIGUES, Marília dos Prazeres. **A Língua Portuguesa como Língua Segunda na Província do Huambo**. Caracterização Educativa e Propostas Pedagógicas para a Formação de Professores do 1º Nível. MP Rodrigues, 2012. Disponível em:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/7878/1/volumeI.pdf>

SUCO, Paulo. **Acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anti-colonial (1886/1889)**. Um estudo realizado no município de cuvango. Huíla, 2022

Disponível, <https://repositorio.iscedhuila.ed.ao/bitstream/20.500.14190/159/1/Paulo%20Suco>

SANTIN, Janaína Rigo e TEXEIRA, Carlos, **O poder local e autoridades tradicionais em angola: desafios e oportinidades**. Angola: antecedentes e o contexto geopolítico. Florianópolis, (2020).

Disponível em <https://www.scielo.br/j/seq/a/JtNzJvtfdPh4yHDr4mrwsBp/?format=html>

SERRANO, Carlos. **Angola**. Nascimento de uma nação, um estudo sobre a construção da identidade nacional, edições de angola, Lda. 1 edição: Luanda, Angola, 2008.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**, história geral de África. I metodologia e pré – história da África- São Paulo: Ática/Unesco. 2010.

Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57180896/VANSINA_1982

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Etnografias missionárias no sul de angola**: danças rituais e celebração do boi sagrado na escrita do padre carlos estermann. Revista Canoa do Tempo, periodicos.ufam.edu.br, 2018.

OSÓRIO, Conceição. **Os ritos de iniciação**: Identidades femininas e masculinas e estruturas de poder. Maputo, 2015. Disponível em: [Ritos2015.pdf \(wlsa.org.mz\)](https://wlsa.org.mz/Ritos2015.pdf)

PERIRA, Dudú. **A caminho de bokoce**: um estudo sobre cerimônia fúnebre de Nguran do povo mancanha de Guiné – Bissau - São Francisco do Conde – BA, 2015.

PAIS, José Machado. **A juventude como fase de vida**: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. São Paulo, 2009.

Disponível, <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/XJdG8ggSVyv6ZJ3rPmqjCbc/?format=pdf&lang>